



ARIANE PORTO

ENTREVISTADA POR
REGINA PAPINI STEINER

Na entrevista concedida a Regina Papini Steiner, a atriz, escritora, roteirista e diretora Ariane Porto revelou aquilo que já intuíamos em sua trajetória: a arte, para ela, nunca foi mero adorno, mas um ato de resistência e de coragem.

Com uma carreira marcada pelo compromisso com o social e pela inquietação criativa, Ariane reafirma o papel do artista como espelho e consciência da sociedade. Suas palavras, firmes e ao mesmo tempo carregadas de ternura, mostram uma mulher que não teme o incômodo, que entende a cultura como espaço de transformação.

Enquanto tantos preferem se refugiar na neutralidade, Ariane escolhe o caminho mais árduo: o de provocar reflexão, cutucar feridas abertas, expor contradições. Sua presença nos palcos, no cinema e na televisão é sempre atravessada por essa dimensão ética, que se traduz numa obra viva, pulsante, necessária.

Ao entrevistá-la, percebi que sua força está sobretudo em sua visão de mundo. Ariane Porto nos convida a olhar a realidade com mais profundidade, a entender que arte não é fuga, mas mergulho. E nesse mergulho, encontramos tanto a beleza quanto a dureza de existir.

Numa época em que o efêmero tantas vezes se impõe sobre o essencial, Ariane Porto se ergue como uma voz rara, que nos lembra que cultura não é luxo, mas alimento da alma e da cidadania.

Como começou a sua trajetória no cinema e o que motivou, principalmente, a abordar as questões socioambientais nas suas obras?

Desde pequena, fui picada por vários mosquitos da arte, e eu tinha um sonho de fazer cinema, mas eu lembro que a gente caminhava lá em São Sebastião, eu morava em São Sebastião, estava já com uma questão socioambiental muito pesada lá, pesada no sentido literal e literário, porque a gente começou com o Centro Cultural São Sebastião, trabalhando com questões culturais, e aí a gente viu que não tinha como trabalhar como cultura tradicional e povos originários sem mexer na questão ambiental e sem mexer na questão socioambiental. Desde sempre eu tive essa vontade de trabalhar, já trabalhava com teatro, com escrita, com literatura, mas o sonho era trabalhar com cinema. Em 1989, a gente começou a desenvolver um trabalho em São Sebastião com culturas tradicionais, e a gente viu que não tinha como trabalhar se não tivesse um tripé. Então, o Centro Cultural São Sebastião do Tempo começou a trabalhar com educação, comunicação e a organização social, que eram os fóruns de debate, era mais uma luta política.

Naquela época, Regina, acho que você vai lembrar, era a época em que o Collor decretou que era crime inafiançável cortar um tronco de árvore, matar o tatu para comer, e isso começou a colocar na clandestinidade as populações tradicionais, que vivem, por exemplo, da extração da cacheta para o seu artesanato. Então, houve o quê?

Uma inversão. E aí, as políticas ambientais, o que elas faziam era criminalizar as populações tradicionais, enquanto que os loteamentos continuavam deitando e rolando, porque eles faziam uma coisa muito sacana. Eles falavam assim, ela vai fazer um loteamento, você tem que deixar 20% de área para a cacheta. Só que esse 20%, eles seccionavam. E a gente sabe que, por exemplo, nas áreas alagadas, a cacheta, você seccionou, você cortou algo, você matou. Então, o que eles faziam?

Era uma legislação hedionda e vinha com essa coisa de proteger o meio ambiente, só que não. Então, a gente começou a ver que a gente tinha que falar sobre isso. Então, a gente começou a trabalhar muito nesse tripé,

educação, comunicação e formas de organização, que, depois de muitos anos, eu entrei nessa área, que aí já existia de uma forma mais objetiva, que era a Educomunicação.

Então, vamos dizer assim, o cinema entrou aí. Logo nos anos 1990, final de 1980. A gente tinha uma câmera de vídeo, VHS, que a gente conseguiu de doação. Não tinha nada mais chique que uma câmera VHS. E a gente saía filmando, gravando, gravando as comunidades. E a gente fazia o cinema nas praias. Tereza Aguiar, tinha uma Variant II, colocamos umas cornetas em cima, uma televisão no porta-malas e São Sebastião tem 100 quilômetros de costa. Íamos nas praias e a gente começou a fazer uma coisa chamada Campanha Conte Sua História.

E foi assim que começamos a trabalhar. Íamos para dentro das escolas e as crianças passavam a registrar em vídeo tudo o que fazia parte da sua própria região. Depois, editávamos esses pequenos filmes, colocávamos no carro e transformávamos em sessões de cinema itinerante.

Foi ali que nasceu o nosso cinema. Não porque era moda, nem por causa de cotas ou tendências. Isso estava, e está, no nosso DNA.

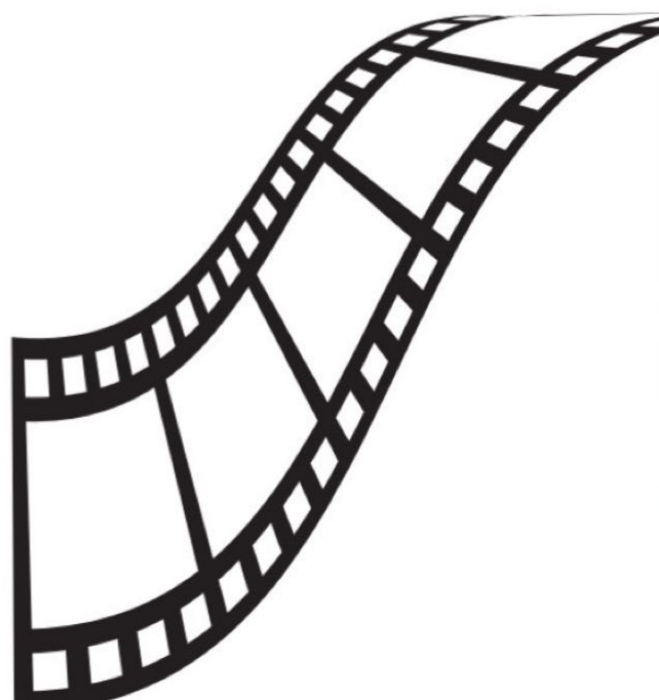
Lembro que era fascinante: exibíamos os filmes justamente na hora do Jornal Nacional. E, acredite, o público era maior do que o da novela. Porque, no fundo, o que as pessoas

realmente querem? Querem se ver. Querem se reconhecer na tela, representadas por elas mesmas.

E foi assim que tudo começou.

E foi assim que nasceu a TV Povos do Mar, que mais tarde se transformou em uma série. Como contadoras de histórias, Tereza e eu percebemos que não bastava apenas o documentário. O documentário registra o que está acontecendo, mas a ficção nos dá a liberdade de imaginar e propor transformações possíveis.

Foi nesse espírito que trabalhamos junto com Yolanda Costa e o pessoal de Campinas. E aí já estávamos em outro patamar: tínhamos uma câmera, tínhamos uma tique... para nós, aquilo já era um luxo! Fizemos parcerias e seguimos em frente.



Fizemos parceria com Cuba e trouxemos uma diretora cubana, Mirtha González. A partir daí começamos a deitar e rolar na criação. Foi quando realizamos nossa primeira ficção, chamada Guaiá dos Mares.

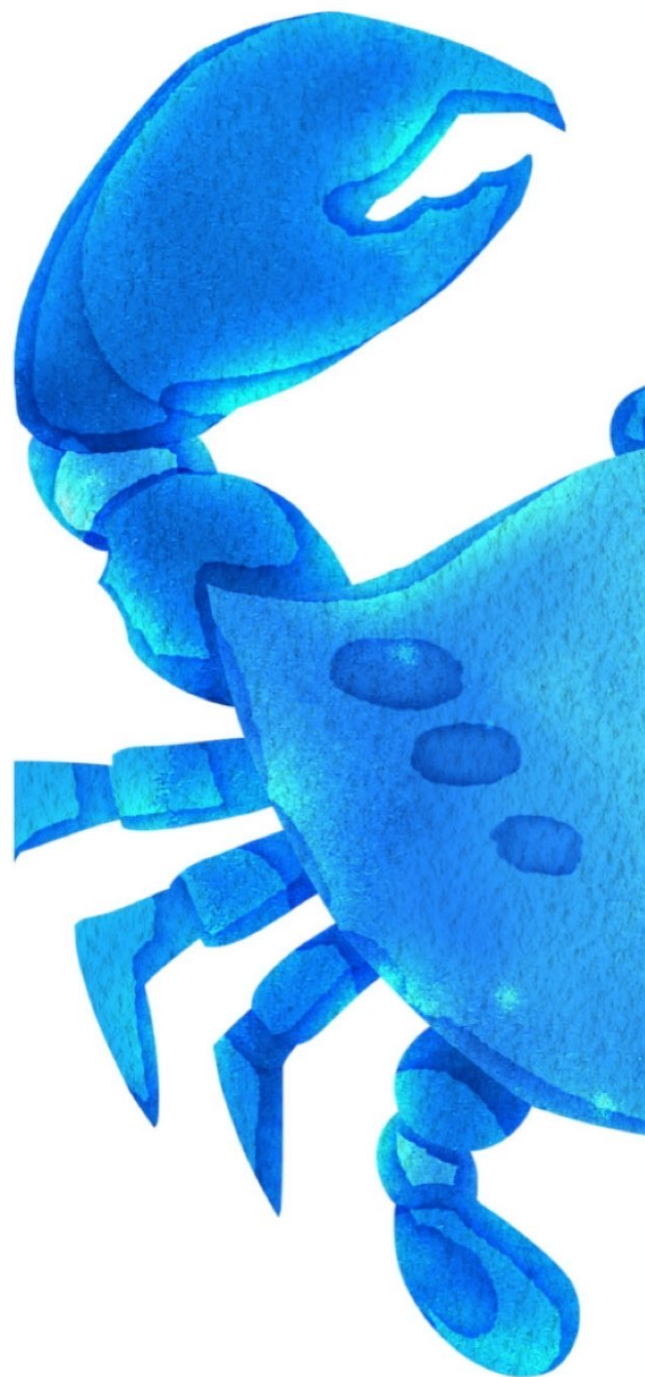
Regina, sabe o que é o máximo? Esse material todo está disponível na tal plate. Você pode ver: eu, vestida de caranguejo azul, que era o Guaiá contracenando com um pirata e uma árvore de pé-amarelo, todos juntos tentando salvar o mar e proteger os fósseis, junto com as crianças. Foi o nosso primeiro telefilme.

Estávamos filmando justamente no dia em que Ayrton Senna morreu. Lembro que dissemos: "As crianças vão ficar deprimidas com essa notícia". Foi em 1994, se não me falha a memória. E veja só, já estávamos fazendo telefilme naquela época, com a participação ativa das crianças caiçaras e indígenas. Uma experiência deliciosa.

Esse filme estourou nas escolas. E então pensei: "Isso vai render, vai dar jogo". Peguei aquele personagem e escrevi A Ilha do Terrível Rapaterra. Foi meu primeiro roteiro para longa-metragem, rodado em película, em 2002.

E assim estreei no cinema com um longa de peso, estrelado por Lima Duarte e Arnett Salles, Tadeu Mello e,

[GUAÍÁ DOS MARES](#) (clique aqui e assinta.)



os caiçaras, as crianças, os indígenas, realizando o sonho, que era fazer cinema sem sair do São Sebastião. Então a ideia é que a gente foi construindo isso organicamente. A gente foi fazendo isso porque a gente sabe que o planeta, ele vem se perdendo enquanto casa comum quando a gente deixa de entender o que é fundamental. Então não tem como se fazer nada que não seja com as questões ambientais, socioculturais ambientais e direitos humanos.

Vocês tem o Taoplay?

Sim. Desde 2020, por conta da pandemia, a gente abriu a nossa própria plataforma streaming, que é a Taoplay. E lá a gente tem o ecocine e todos esses filmes que eu te falei. Tem todo o material, que foi a grande produção audiovisual e continua sendo, do Centro Cultural São Sebastião tem Alma, que a gente deu esse nome porque era um projeto para durar dois anos. E estamos aí há 35 anos. E chamou de Povos do Mar também porque a gente começou a trabalhar com educação, aí entrando com a parte da comunicação como estrutural. Então, Regina, a parte do cinema, a parte do cinema para a gente nunca teve o glamour.

E o ECOCINE?

O Ecocine é o primeiro festival de cinema ambiental do Brasil, o segundo do mundo. Ele está fazendo 33 anos esse ano



Não é sobre a indústria, porque a gente sabe que indústria 100% incentivada não é indústria, desculpa. Eu sou bem crítica com relação a isso. A gente fez isso porque a gente precisava falar. A gente precisava se estruturar. E aí a gente começou uma parte que eu acho que, para mim, é a coisa que eu tenho mais orgulho quando eu olho para trás, é a seguinte, a gente começou a capacitar as comunidades para elas usarem o audiovisual do jeito que elas queriam. E eu não estou falando de 2025. Eu estou falando de 1990. Não existia isso.

Posso falar para você? Com toda a tranquilidade e alegria, fomos pioneiras, que eram só mulheres.

Inclusive, gostaria de te perguntar sobre isso: como você enfrentou essas dificuldades e desafios?

Então, a gente atuava além do cinema: enchia o ônibus com os indígenas e ia lutar nos fóruns quando tentavam tirar a terra deles. Fazíamos filmes para denunciar essas situações. Era uma atuação comprometida, um verdadeiro ativismo.

E éramos principalmente mulheres. Havia alguns homens participando, mas éramos nós que estávamos na linha de frente. Foi uma experiência muito interessante.

Os equipamentos eram pesados e, na verdade, quem carregava grande parte eram os meninos. Mas fazia parte da missão, do esforço coletivo.

A Tereza e eu éramos baixinhas ,eu, magrinha, fraquinha, não estávamos contra ninguém, com certeza. Nada contra os meninos, de verdade, mas simplesmente não calhou de ter um homem que enfrentasse aquilo de frente.

Lembro de um episódio: fomos participar de um encontro das ilhas, que era marcado por uma briga feia com a comunidade. Na época, a secretária do irmão do Paulo Maluf, que administrava as ilhas, ligou para



saber qual seria o traje para o evento. A Tereza, que tinha atendido, respondeu sem pestanejar: "Traje de briga".

E foi mesmo interessante. Naquele dia, um engenheiro se levantou e comentou: "Estou vendo só mulheres aqui. Por que vocês não dão aula de corte e costura, de bordado, em vez de estarem fazendo arruaça? Não acham perigoso que só mulheres estejam à frente dessa ação?"

Na verdade, estávamos ali enfrentando ameaças, tentando desestruturar e desacreditar nossa atuação. Mas, apesar do ceticismo alheio, seguimos firmes.

E isso nos anos 80, tiveram aliadas, aliados?

Sim, estamos falando dos anos 80. E estavam falando de mulheres na linha de frente com indígenas, Caiçaras, quilombolas, recuperando a cultura e fazendo filme, e ainda chamando depois Lima Duarte, Laura Cardoso. Depois a Laura Cardoso entrou no grupo. Eram esses grandes nomes da cena que entenderam a importância dessas questões. E aí, quando em 2002, filmamos o Rapaterra, eu comecei a ficar incomodada de escrever para as crianças falarem. Aí foi um grande salto que a gente deu. Em 2005, a gente abriu, criou o projeto BEM-Te-VI, que é audiovisual feito por crianças.

Este ano, o projeto completa 20 anos, e vamos celebrar com um festival. Ao longo desse tempo, trabalhamos em cinco continentes, envolvendo crianças na criação de seus próprios filmes e proporcionando encontros transformadores.

Trabalhamos com crianças indígenas, quilombolas, com deficiência intelectual, pacientes oncológicos, crianças deficientes visuais... Criamos, junto com elas, formas de fazer animação e de operar câmeras de vídeo, adaptadas a cada realidade.

Essa trajetória mostra nosso compromisso em levar a arte muito a sério. Para nós, o cinema e o audiovisual não são apenas expressão artística são ferramentas capazes de transformar relações sociais e humanas.

Não só através das histórias, mas da forma de fazer. Vamos lá, tem que ter os meios de produção, certo? A gente prendeu isso lá atrás. Se você não tem acesso aos meios de produção, continua

para os mesmos caminhos. E é exatamente nisso que seguimos trabalhando até hoje. Estamos fazendo uma série e também lançamos o podcast "Conteúdo Somos Nós", sempre conectando os grupos entre si.

A nossa ideia é criar redes. Quando você possibilita que um grupo fale com o outro, que se conectem e troquem experiências, o efeito é exponencial.

Por exemplo, no projeto Bem-te-vi, que virou um longa sobre o processo de criação, reunimos participantes do Brasil, Angola, Inglaterra, Espanha, Bulgária, Nepal e Nova Caledônia. Foi uma experiência única de intercâmbio cultural e artístico. Quando você vê um quilombola olhar para um menino de Angola e falar, mas vocês são igual a gente?. Aí você vai ver o mundo se tornando possível diante dos seus olhos. Então, a questão socioambiental é estruturante da nossa forma de fazer si mesmo.

E os apoios, Ariane? Como vocês têm trabalhado com patrocínios e apoios para os projetos? Encontram dificuldades nesse processo? Vocês recorrem às leis de incentivo ou têm outros caminhos para viabilizar essas iniciativas?

Eu estou até hoje lutando para fazer a vida do Carlos Gomes, nosso maestro. Batemos na trave. A gente foi, pontuação. Mas perdi para quem? Perdi para Gullane Filmes, "Até que a sorte nos separe". Não tem como ganhar. Não tem como ganhar! Aí a gente fala assim, o que a gente vai fazer? Eu vou ficar em casa reclamando? Chorando? Não, nós vamos realizar. Vamos encontrar maneiras de fazer acontecer. E é justamente esse processo que chamo de produção criativa: a criatividade não deve se limitar ao roteirista, ao diretor ou aos atores, ela precisa estar presente também no produtor.

Então, nós fizemos algumas coisas como filme escola. Como a gente tem essa pegada da educação muito forte, a gente fez dois longas, Topografia de um Desnudo e o Crime da Cabra, como filmes escolas. Então, a gente ia fazendo oficina, e pondo sempre atores, como Lima Duarte, Laura Cardoso, Arlete Salles, aí veio o Ney Latorraca, veio o Gracindo Júnior. Vamos fazer, vou ficar aqui chorando e falando que a Gullane ganha mais que eu. Ganha. Por quê? Porque a forma deles é outra. Aí começa a indústria.



E o Filme Mama Minha?

Em 2018, eu tive um câncer de mama. Fui diagnosticado com câncer de mama. Tereza também já estava doente. A vida, aquele trambolhão. Não sabia se teria futuro ou não. Comecei a filmar. Todo o processo. Então, comecei a filmar desde a amostra, até descobrir que já era um câncer agressivo, que já estava com metástase. Eu filmei tudo. Foi uma época em que eu estava sofrendo um assédio moral, eu estava muito mal. Então, uma depressão levou a um câncer. E eu filmei, porque eu não sabia o que ia acontecer, mas eu não queria perder a riqueza daquele momento. E aí, eu estou te falando isso nesse momento? Porque isso é sobre como você encara as dificuldades. Então, a minha forma de encarar o câncer foi falar que eu preciso entender o que está acontecendo. Eu preciso entender o que está acontecendo. Se eu não entender racionalmente, emocionalmente, o que está entendendo, eu não enfrento nada. Eu vou entrar em negação. E aí eu fiz o filme Mamma Mia e estou ganhando prêmio até hoje. Eu já ganhei dois festivais de Paris, roteiro. Foi para Nova York, Chicago, o filme bombou.



E é o quê? É uma reflexão sobre como você enfrenta as questões que, à primeira vista, podem ser impeditivas e muito definitivas. Então, como você confronta as dificuldades. Isso diz muito da forma como a gente faz, como a gente pensa a nossa produção. Então, o que acontece? Eu fiz o Mama Minha com recursos próprios, depois ganhei um edital para poder finalizar. Então, a gente ganha alguns editais, poucos, porque a gente compete com o cachorro grande, a briga de cachorro grande.

Através dos projetos ligados à ecologia, vocês acabam promovendo uma grande educação ambiental. Como você percebe a repercussão desse trabalho? O projeto Bem-te-vi, por exemplo, reflete toda essa trajetória?

Então é muito bom porque essa questão ambiental, ela não vem só no Ecocine na forma de evento, que ela está presente no Bem-te-vi. Então, por exemplo, nessas temporadas que a gente tem feito o Conteúdo Somos Nós, são crianças e adolescentes do Pará, de Campinas, de Paraty, São Sebastião, que vão trocando e criando os seus conteúdos. Então, vamos dizer, eu faço parte da ABPEducom, Associação Brasileira de Pesquisadores Profissionais em Educomunicação.

A gente continua focado na educação. Não tem como mudar nada se não for educação. E numa educação que não é formal só. Muitas vezes é informal, porque a educação formal, ela destrói muitas vezes a estrutura. Então, a gente vai formando nos espaços, que são espaços de formação. ONGs, institutos, vai indo, onde for. Escola. Agora mesmo a gente está dando uma parceria com o Centro Paula Sousa, trabalhando com os professores, com os docentes, para que eles vão se aprofundando, ou muitos conhecendo o podcast como forma de educação. A gente continua formando crianças, adolescentes, idosos, porque a gente trabalha muito com a questão também desse etarismo, que é nojento, está cada vez pior. Eu me recuso, meu cabelo é branco, eu tenho ruga, não estou nem aí.

Não querem me ouvir? Então não ouçam.

Outro dia me chamaram para dar uma palestra. Eu pensei: “O problema é seu, não meu.” E fui. Falei o que tinha que falar.

Estou chamando isso de reflexões analógicas numa era digital. É sobre entender o que os tempos analógicos nos ensinaram e que hoje muitas pessoas não percebem mais: desde pensar antes de tirar uma foto, porque revelar filme era caro, até a importância da escuta e da observação atentas, habilidades que se tornaram raras nos dias de hoje.

E é aí que tudo começa. Essa questão do cinema – do cinema ambiental, do cinema social – me leva a uma ideia que talvez pouca gente conheça, mas que posso compartilhar porque é interessante.



Eu continuei meus estudos sou uma pessoa que valoriza muito o aprendizado. Fiz mestrado, doutorado e pós-doutorado na ECA/USP, sou antropóloga de formação, e recentemente concluí outro pós-doutorado em Arte e Neurociência.

Atualmente, tenho trabalhado intensamente com a arte aplicada aos processos de saúde, um lado meu que poucas pessoas conhecem, mas que agora começa a refletir nas produções que estou realizando, inclusive de forma independente.

Também desenvolvo pesquisas experimentais com células tumorais em laboratório, integrando experiências artísticas. Fiz um pós-doutorado sobre isso na Inglaterra, e foi uma experiência fantástica.

Minha reflexão sobre arte é que ela possui um imenso potencial de transformação social, além de favorecer a divulgação e a compreensão de realidades complexas. Ao longo dessa trajetória, aprendi que quando você precisa estruturar um discurso para falar sobre sua própria realidade, passa a enxergá-la de forma muito mais aguda e profunda.

Assim, para mim, a produção audiovisual vai além da criação artística: é também uma forma de autoconhecimento, um verdadeiro mergulho em nós mesmos.

O audiovisual vem como um mergulho na sua história, na sua realidade. E aí, agora, depois, isso, claro, vai para uma comunicação de uma forma dialógica que pode transformar as realidades, a ideia que é a arte de transformação. E aí, eu comecei a estudar isso dentro do próprio corpo, como que eu posso me comunicar com as células, já está aí, já está indo, hoje já chegou o ISBN, já vou lançar um livro. E chama-se **Células em Jogo**.



Arte, ciência e espiritualidade em processos de cura... A partir da ciência, comecei a investigar como podemos estabelecer uma conexão e diálogo com as próprias células.

O que eu busco, Regina, é falar com o nosso ambiente, com o nosso ecossistema, por meio da escuta dos processos celulares. Tenho estudado isso intensamente e, a partir dessas pesquisas, criei um jogo, um game, utilizando células tumorais.

Mas a beleza disso é que o conceito não se limita às células: ele pode ser aplicado também à saúde mental, ajudando a equilibrar o nosso interior e o exterior, algo que todos nós precisamos.

Nos festivais, como têm sido abordadas as questões de acessibilidade e a descentralização cultural? Que estratégias ou iniciativas vocês têm adotado para ampliar o acesso do público e levar a cultura para além dos grandes centros?

No Ecocine, garantimos que pelo menos 30% do nosso conteúdo seja acessível, já que nosso festival é híbrido: oferecemos programação tanto na plataforma digital quanto presencialmente. Em todas as produções do Ecocine, a acessibilidade é uma prioridade.

Um grande avanço que tivemos foi por meio do edital Lei Paulo Gustavo: conseguimos digitalizar parte do acervo de 35 anos do projeto São Sebastião Tem Alma, que é o maior acervo de cultura caissalha do Brasil. Do total de 120 horas digitalizadas, 30% já estão adaptadas com recursos de acessibilidade e disponíveis na nossa plataforma digital.

Todo esse material, desde os VHS antigos, está preservado — é o maior acervo de cultura Caiçara que existe. Ainda não conseguimos digitalizar tudo, mas já demos o primeiro passo e o conteúdo está disponível.

O que temos é um compromisso histórico. Quando começamos o BEM TE VI, trabalhávamos com crianças cegas e surdas, muito antes de existir qualquer lei ou cota. Eu dava aulas bilíngues em Libras, com um professor ao lado, e ninguém nos obrigava. Para nós, isso sempre foi natural e orgânico. Não fazemos por obrigação, mas porque entendemos que a acessibilidade é fundamental.

Com o recente crescimento de novos cineastas no mercado, que conselhos ou orientações vocês dariam para essa nova geração que está começando a carreira?

Vou te contar: quando recebi o convite de vocês, eu estava no Rio2C, um evento de criatividade, e fiquei animada, mas também relutante. Minha produtora insistiu: 'Você precisa ir.' Confesso que pensei: ir para o Rio, fazer reuniões de indústria... não é exatamente minha praia.

Mas antes de prosseguir, quero contextualizar. Em 2012, criei um programa que tratava de inclusão e achei importante mencionar. Era um reality show chamado Rua - O Jogo da Vida Real. No piloto, pessoas consideradas 'normais' iam morar nas ruas de São Paulo sem voltar para casa, sem celular e sem dinheiro, sendo ajudadas por moradores em situação de rua. Foi uma experiência intensa, desafiadora e, acima de tudo, transformadora.

Acessibilidade vai muito além de recursos como audiodescrição; ela precisa estar presente nas narrativas. É sobre dar voz não apenas a você, mas àqueles que normalmente não têm acesso a ouvidos. O que falta para muitas pessoas não é voz, é quem ouça suas histórias, suas dores, suas experiências.

Percebo que muitos jovens hoje têm uma visão autocentrada: a vida se resume a eles, e qualquer divergência é imediatamente

'cancelada'. Mas a arte exige escuta, atenção ao outro. Como dizia Alfredo, há quem se embriague pela própria voz. Arte verdadeira é generosa; é sentir a dor e a delícia da humanidade e tentar transmiti-las. Se o artista não faz isso, ele pode ser um bom comunicador ou empresário, mas não é artista de verdade.

Infelizmente, vejo uma preocupação crescente com o que as plataformas querem: conteúdos de true crime, voyeurismo, explorar a mente do assassino. Mas a arte não deve se limitar a isso; ela precisa olhar para a vida, para as vozes que não são as suas, e expandir horizontes, empatia e compreensão.



Eu fui observando, Regina, e a plateia lotada só olhava para o lado. A Marina Ruy Barbosa, interpretando a Suzane von Richthofen,, comentários de que ela estava maravilhosa... Eu ficava olhando, pensando...

Atualmente moro mais tempo em Uberlândia abri uma filial da minha empresa aqui em Minas e estou trabalhando localmente. E então, ouvi aquela história e pensei: aqui mesmo, em Uberlândia, um adolescente matou uma colega na escola. E eu percebi: estamos criando heróis de maneira preocupante.

Quando aplaudem uma atriz dizendo que ela está 'maravilhosa' interpretando alguém que cometeu crimes, eu sinto um incômodo profundo. Só eu percebo isso? Qual mensagem estamos transmitindo com isso?

Olhei para aquilo e percebi que, infelizmente, só eu estava incomodada. Saí de lá e não consegui dormir. No dia seguinte, liguei para o responsável pelo nosso site e disse: 'Escuta, precisamos mexer nisso. Produções e conteúdos devem ter propósito, podem ser divergentes, mas eu quero responsabilidade.

Não quero apenas mergulhar na mente do sociopata; quero explorar a mente do cientista, do artista. Sinto que preciso contribuir para isso. Não tenho filhos, mas me preocupo com os filhos dos outros e vejo que muitas pessoas não se preocupam.

Aos jovens, digo: prestem atenção à responsabilidade de cada ação, mesmo ao pegar a câmera do celular. Pensem antes do clique, do view a mais, do joinha, do contrato com uma grande produtora. Cada escolha tem impacto, e isso é algo que não podemos ignorar.

Essas duas palavras, eu acho que são palavras de ordem. Generosidade e responsabilidade. Isso é arte.

O resto é rede social: você posta uma foto, está bonito, e as pessoas curtem sem nem prestar atenção no que você está dizendo ou sentindo. É tudo descartável.

Ainda assim, eu sou otimista. Continuo criando, lutando, aprendendo com os erros, levantando depois de cada queda. É sobre isso.

O que quero dizer aos jovens é: parem com o mimimi. Se não têm bolsa, apoio ou recursos, não se deixem paralisar. Cada direito vem com um dever. Pensem no que vão fazer mesmo com o apoio que têm muitas vezes, dinheiro público.

Sim, pode ser frustrante porque as pessoas são superficiais, cheias de verniz desnecessário, mas não deixe isso te definir. Você é cineasta? Então faça cinema, com propósito e responsabilidade.

Quero entender onde está a capacidade e a vontade de transformação do verdadeiro cineasta, do verdadeiro artista — aquele que olha para a dor, percebe onde ela o toca e busca formas de transformá-la, encontrando seu lugar como algo importante. Essas questões precisam ser revisitadas.

Claro que adoraria ter recursos para fazer um filme. Seria ótimo conseguir um edital para produzir Carlos Gomes eu cheguei perto, fui suplente, mas a sorte não sorriu. Quatro milhões para alguns não é nada, é 'dia de pinga', e infelizmente muitos entram em qualquer projeto apenas pelo dinheiro.

Ainda não consegui contar a história de Carlos Gomes: filho de indígena e negro, que saiu de Campinas e venceu na Era de Ouro da ópera, sem sequer ir ao Scala de Milão. É frustrante não poder contar essa história com dinheiro público, enquanto se investe em conteúdos que exploram a mente de assassinos.



Vou te contar: quando eu estava produzindo o Bem Te Vi, estava captando recursos via Lei Rouanet, com um orçamento de 1,2 milhão. Recebi uma ligação de uma agência dizendo: 'Ariane, tem uma empresa que quer investir 1,2 milhão.' Perguntei qual era, e me disseram: Monsanto. Parei e olhei para a Tereza: aquela que produziu o Agente Laranja na Guerra do Vietnã, que despeja lixo tóxico em favelas, que prejudica agricultores latino-americanos com royalties abusivos.

Decidimos recusar. Eu disse: 'Não vou colocar esse peso no meu karma. Não importa o que eles fazem, importa o que eu faço. Eu quero dormir em paz.'

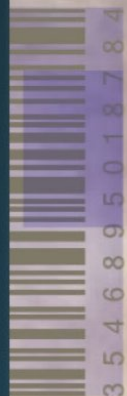
O terceiro conselho que dou aos jovens é sobre uma palavra que parece até antiga: ética. Ética é tudo. A arte precisa caminhar junto com responsabilidade e generosidade. Sem isso, mesmo que se conquiste edital ou fama, como ser humano que se expressa, estamos perdendo o essencial.

Gostaria de poder ser eu mesma, falar o que penso, sinto e acredito. Sou otimista: se ainda não afundamos, é porque há muita gente fazendo coisas boas, elevando a energia coletiva de forma genuína, não por obrigação ou cota.

Hoje, vejo que muitos se preocupam mais com o superficial, com o glamour, e esquecem o essencial. Quando me perguntam minha profissão, penso: no fundo, sou uma ativista cultural. Faço cinema, teatro, escrevo, organizo festivais, mas meu propósito é ativismo cultural.

Aprendo enquanto educo, e educo enquanto aprendo. Falo bastante, mas também escuto. Esse é o processo.





ICONIC

SETEMBRO & OUTUBRO 2025 NO. 20

Nesta Edição

Ariane Porto
Cinema

Olinto e Rafaela
Cicloturismo

Ale MacHaddo
Cinema Trans

Rafaele Leal

VAMOS FALAR DE MÚSICA

**" E ser cantora é como
ser um Stradivarius vivo. "**

Aprile Millo



**GRUPO
OMINDARÉ**

